

Instrumentos Psicológicos mais Conhecidos por Estudantes do Sul de Minas Gerais

Psychological Instruments Known by Psychology Students of Minas Gerais, Brazil

Ana Paula Porto Noronha
Ana Francisca de Oliveira
Claudia Cobêro
Liamar Mayer de Paula
Lucicleide Maria Cantalice
Paula Bierrenbach de Castro Guerra
Rosana Maria Mohallem Martins
Roseli Felizatti
Universidade São Francisco.

Resumo

O objetivo do presente estudo foi identificar quais os instrumentos psicológicos mais conhecidos por estudantes de Psicologia do Sul de Minas Gerais. A amostra foi constituída por 122 alunos de terceiro, quarto e quinto anos de formação, de ambos os sexos e pertencentes a quatro universidades particulares. Para a coleta de dados, utilizou-se uma relação dos 167 instrumentos psicológicos comercializados no Brasil. Os participantes deveriam assinalar todos os instrumentos conhecidos independentemente de possuir habilidade em seu manuseio. Os resultados indicaram que houve diferença entre os grupos no que se refere à quantidade de instrumentos conhecidos e quanto aos instrumentos em si.

Palavras-chave: testes psicológicos; avaliação psicológica; formação profissional.

Abstract

Psychological Instruments Known by Psychology Students of Minas Gerais, Brazil. The present study aimed to identify which psychological instruments are known by psychology students from Minas Gerais. The sample consisted of 122 third, fourth, and fifth year students of both sexes from four private universities. Data were collected using a list of the 167 psychological instruments commercialized in Brazil. The participants were asked to identify all the instruments they knew, independently of their ability to use them. The results indicated that the students knew few instruments and that this knowledge increase as they approached the end of the program.

Key-words: psychological tests; psychological assessment; professional training.

A formação profissional do psicólogo no Brasil é desenvolvida em cursos de Psicologia, promovidos por instituições de ensino superior. Segundo Pfromm Netto (1991) um dos objetivos da formação é propiciar um conjunto amplo e diversificado de conhecimentos, habilidades, atitudes e proce-

dimentos objetivando caracterizar a Psicologia como ciência e profissão. Os cursos universitários devem formar o futuro profissional para a compreensão do fenômeno psicológico e prepará-lo para compreender os métodos e técnicas para a realização de atuações precisas. Formar profissionais competentes é uma tarefa complexa, pois envolve além de questões institucionais e acadêmicas, as questões relativas ao aluno.

A formação deve gerar transformação, de forma que o sujeito passe de aluno a profissional, e

Endereço para contato

Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – Itatiba-S.P.
C.E.P.: 13.251-900 – e-mail: ananoronha@saofrancisco.edu.br

(*) Projeto financiado pela FAPESP

deve contribuir para que avanços estejam presentes no desenvolvimento de suas atuações profissionais. Em sua tese de doutorado, Pereira (1972) concluiu que os cursos de graduação pouco contribuíam para a mudança de imagem que os alunos tinham da profissão, ou seja, cinco anos de curso não eram suficientes para o amadurecimento do aluno. De acordo com Gonçalves e Bock (1996) o papel da universidade é propor novos caminhos de atuação profissional, o que de alguma forma, leva ao amadurecimento da profissão.

Discussões sobre a formação do psicólogo já perduram aproximadamente três décadas, ou seja, assim que a Psicologia foi oficialmente reconhecida como profissão no Brasil, por meio da Lei nº 4.119 de 27 de agosto de 1972, reflexões sobre formação tiveram início (Bastos, 2001). Com o advento da nova Lei de Diretrizes e Bases mudanças significativas marcaram e marcarão a formação, sobretudo no que diz respeito à necessidade de avaliações sistemáticas sobre a qualidade da formação que se tem oferecido nas universidades brasileiras.

No que se refere às instituições de ensino brasileiras, houve marcadamente uma expansão a partir da década de 70. Segundo Maluf (2001) a expansão foi desordenada, o aumento esteve concentrado nas regiões sul e sudeste, e prioritariamente o aumento centrou-se nas instituições de caráter privado. Para a autora, os problemas relacionados à formação podem ser organizados em quatro eixos: questões relacionadas aos alunos, questões referentes à diversidade teórica em Psicologia, a infra-estrutura dos cursos, como laboratórios e bibliotecas e, questões pertinentes ao tempo e à necessidade de continuidade de formação.

Problemas também estão presentes na formação específica na área de avaliação psicológica. Recentemente, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1997) promoveu um Fórum de Discussão sobre avaliação, com dois objetivos principais: detectar as variáveis correlatas aos problemas dos instrumentos de avaliação psicológica, relativos à pesquisa, construção, validação, comercialização, aplicação e ao ensino; e, construir uma política nacional comum para os instrumentos psicológicos. O material publicado em função das discussões promovidas, caracterizou o problema da formação como deficiente e carente de fundamentação teórica em Avaliação Psicológica. Segundo o documento, deveriam ser revistos: a formação técnica do corpo docente e a cristalização de modelos diagnósticos, que porventura possam levar a uma deformação pro-

fissional, e que privilegia a superficialidade, em detrimento da compreensão geral e profunda dos ganhos advindos do uso de instrumentos padronizados. Isso tem levado o aluno de Psicologia e o futuro profissional, a perder a confiança no instrumento e, conseqüentemente a não utilizá-lo (CFP, 2000).

Testes Psicológicos

Há muita polêmica em torno dos testes psicológicos. Inicialmente porque eram medidas basicamente psicofísicas, que se resumiam a observações diretas dos fenômenos a serem medidos. Posteriormente, e ainda hoje em dia, testes são muitas vezes discriminados pela própria comunidade psicológica. Ainda estão presentes as incorreções e as más interpretações a respeito do significado e da importância desse tipo de material. São muitos os autores que fizeram extensas discussões sobre o tema. Para o aprofundamento do assunto, consultar: Anastasi (1977), Anastasi e Urbina (2000) e Van Kolch (1981).

No estudo desenvolvido por Noronha (1999) com psicólogos, a fim de se compreender problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos, aproximadamente metade da amostra revelou que não utiliza testes em sua prática profissional. Alguns disseram ainda, que nunca fizeram uso de instrumentos em toda sua experiência enquanto psicólogos. Sbardelini (1991) coloca que psicólogos que criticam testes, o fazem alegando que são pouco confiáveis, precários e que tendem a generalizar traços e populações.

É possível que algumas dessas afirmações sejam procedentes para determinadas situações. Existem instrumentos precários, pouco confiáveis, à medida que não oferecem estudos de validade e de precisão e outros que tendem a generalizar traços, mas em contrapartida, também existem bons instrumentos, de qualidade indiscutível, válidos e precisos. Ainda se observa na prática do psicólogo um tipo de argumentação frágil e generalista, que ora coloca todos os testes como bons, ora como ruins. A solução para esse tipo de situação é a pesquisa científica, pois estudos com instrumentos poderão determinar fragilidades e qualidades, sem generalizações inexatas e aproximadas.

Alguns estudos têm sido desenvolvidos neste sentido. Um trabalho precursor no Brasil foi realizado por Sisto, Codenotti, Costa e Nascimento (1979) com o objetivo de avaliar testes de inteligência, aptidão e interesses no que se refere às qualidades psicométricas. Os autores concluíram que embora existam estudos nacionais isolados em

relação aos testes, deve-se atuar com mais vigor nesse sentido.

Mais de 20 anos depois, outros trabalhos dessa natureza voltaram a ser desenvolvidos. Noronha, Sbardelini e Sartori (2001) realizaram uma pesquisa com o objetivo de avaliar testes de inteligência publicados no Brasil, referindo-se à qualidade do material, da documentação, das instruções e dos itens. Os resultados indicaram que a qualidade das instruções foi o aspecto melhor avaliado. Noronha, Sartori, Freitas e Ottati (2001) analisaram a presença ou ausência de informações nos manuais de testes de inteligência e chegaram à conclusão de que alguns testes não possuem informações como data de publicação, nome do autor e bibliografia.

Em perspectivas internacionais, destaca-se o trabalho desenvolvido por Prieto e Muñiz (2000), pesquisadores espanhóis, que criaram um modelo para avaliar a qualidade dos testes utilizados na Espanha. A Comissão Internacional de Testes e o Colégio Oficial de Psicólogos (ITC, 2001) estabeleceram diretrizes internacionais para o uso dos testes. O trabalho versa sobre o uso, sobre a construção e sobre a revisão. O destaque do trabalho refere-se à sistematização de materiais sobre os instrumentos psicológicos, de forma que a área cresça pautada em normatizações e “regras” definidas amplamente.

Este é um problema que pesquisadores brasileiros vêm enfrentando, ou seja, não se encontram facilmente referências sobre os procedimentos nacionais de construção, revisão ou padronização. Assim como não há uma sistematização dos instrumentos disponíveis ou da qualidade que cada um possui. A Resolução nº 25/2001, outorgada recentemente pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2001), vêm satisfazer esta necessidade, que é a de oferecer padrões de qualidade e condições de trabalho aos psicólogos que utilizam testes psicológicos. Acredita-se que algumas críticas recebidas poderão ser minimizadas, uma vez que o CFP instituiu que testes que não passarem por revisões sistemáticas ou que não apresentarem dados de pesquisa sobre suas qualidades, serão retirados do mercado profissional.

Como já afirmado anteriormente, a pesquisa científica é necessária para o desenvolvimento de áreas profissionais. E, com a avaliação psicológica, não poderia ser diferente, pois pesquisas têm sido imprescindíveis para seu crescimento. Tendo isso em vista, esse trabalho visou contribuir com o objetivo, de verificar quais são os instrumentos psi-

cológicos mais conhecidos por estudantes de Psicologia em determinada região do país.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo, 122 estudantes de Psicologia de quatro universidades particulares da região sul do Estado de Minas Gerais, divididos em quatro grupos:

Grupo I: constituído por 30 estudantes, 26 do sexo feminino (92,8%) e dois do sexo masculino (7,2%), com idade variando entre 22 e 51 anos. No que se refere ao período do curso, 16 estudantes frequentavam o 9º semestre (75%) e cinco, o 10º semestre (25%). Por falta de informação, a idade de um estudante não foi computada e nove estudantes não foram incluídos na média de período de curso.

Grupo II: constituído por 32 estudantes, sendo 27 do sexo feminino (90%), três do sexo masculino (10%) e dois sujeitos sem informação. A idade variou entre 20 e 33 anos, sendo que 2 não informaram a idade. Todos estavam cursando o 7º semestre.

Grupo III: constituído por 38 estudantes, sendo 29 do sexo feminino (87,9%), quatro do sexo masculino (12,1%) e cinco sem informação. A idade variou entre 21 e 56 anos, sendo que cinco participantes não forneceram essa informação. Todos estavam cursando o 7º semestre.

Grupo IV: constituído por 22 estudantes, 19 do sexo feminino (86,3%) e três do sexo masculino (13,6%). A idade variou entre 19 e 61 anos. Um estudante cursava o 4º semestre (5%), 19 o 5º semestre (95%), um não informou e um forneceu dados incorretos.

Os estudantes do GII estavam no último ano do curso (7º semestre), pois este tem quatro anos. Já o GI constituiu-se por sujeitos do 9º e 10º semestre. Os grupos III e IV eram constituídos por sujeitos do 5º e 7º semestres respectivamente (cursos de 5 anos).

Instrumentos

O instrumento utilizado foi uma relação organizada pela primeira autora, contendo os 167 instrumentos psicológicos comercializados no Brasil. Os instrumentos foram divididos por editoras, sendo que 50 eram da CEPa, 52 da Vetor, 21 da Casa do Psicólogo, nove da Edites, oito da CETEPP, um da Artes Médicas, cinco da Editorial Psy, três da Mestre Jou, quatro da Entreletras, um da Gráfica MNJ, três da Martins Fontes e 10 estrangeiros.

A tarefa desenvolvida pelos estudantes foi assinalar os instrumentos por eles conhecidos.

Procedimento

Após a devida autorização para a realização da pesquisa, iniciou-se o processo de coleta de dados. Embora a amostra tenha sido dividida em grupos a fim de facilitar a aplicação, o procedimento foi o mesmo, ou seja, aplicação coletiva, realizada por duas pesquisadoras. O tempo médio de aplicação foi 20 minutos em cada um dos quatro grupos.

Resultados

Os resultados encontrados foram organizados em tabelas para facilitar a compreensão dos achados. A Tabela 1 apresenta informações referentes ao Grupo I, sendo que na primeira coluna encontram-se relacionados os testes, na coluna 2, o número de citações recebidas, e na 3 a posição diante do total de testes.

onal de Interesses, Raven - Matrizes Progressivas - Escala Geral, INV - Teste de Inteligência Não Verbal, Bender - Teste Gestáltico Visomotor, CAT - Animais e CAT - Humanas. Esse grupo apresentou a maior média de citações.

Na Tabela 2, foram relacionados 558 testes, sendo que a média de citação foi 16,91%. Os testes apontados como mais conhecidos foram: PMK - Psicodiagnóstico Miocinético, Wartegg, Rorschach, CAT - Animais e CAT - Humanas, Raven - Matrizes Progressivas - Escala Geral, WISC - Escala Wechsler de Inteligência para Crianças, CAT - Animais - suplemento, Bender - Teste Gestáltico Visomotor e, WISC III.

Verificando a Tabela 3, do Grupo III, foram relacionadas 853 citações, sendo que a média de citação foi 22,4%. Os testes mais citados pelo Grupo estão apresentados a seguir: WISC - Escala Wechsler de Inteligência para Crianças, CAT - Animais, PMK - Psicodiagnóstico Miocinético, Bender - Teste Gestáltico Visomotor, TAT - Teste de Apercepção Temática, Teste de Wartegg,

Tabela 1 – Instrumentos Psicológicos Mais Citados por Estudantes do 9º e 10º Semestre (Grupo I)

Instrumento	Número de Citações	Posição do Instrumento
Bateria Fatorial CEPA	29	1
DAT	29	1
Rorschach	29	1
LIP	29	1
PMK	29	1
WISC	28	6
QVI	28	6
Raven - Escala Geral	27	8
INV	27	8
Bender	27	8
CAT - Animais	27	8
CAT - Humanas	27	8
O Desenho da Figura Humana	26	13
Inventário de Interesses Angelini e Thurstone	26	13
LPM	26	13

No Grupo I foram encontradas 963 citações de testes, sendo que a média de citação foi igual a 32,1%. Os testes mais conhecidos desse grupo foram: Bateria Fatorial CEPA, DAT - Testes de Aptidões Específicas, Rorschach, LIP - Levantamento de Interesses Profissionais, PMK - Psicodiagnóstico Miocinético, WISC - Escala Wechsler de Inteligência para Crianças, QVI - Questionário Vocaci-

Escala de Maturidade Mental Colúmbia, Bateria Fatorial CEPA, Desenho da Figura Humana, Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (14M).

O Grupo IV, apresentado na Tabela 4, relacionou 230 citações, sendo que a média de citações foi 10,4%. Os testes apontados como mais conhecidos nesse grupo, foram: BPR-5, 16 Fatores da Personalidade, Bender - Teste Gestáltico Visomotor,

Tabela 2 – Instrumentos Psicológicos Mais Citados por Estudantes do 7º Semestre (Grupo II).

Instrumento	Número de Citações	Posição do Instrumento
PMK	33	1
Wartegg	33	1
Rorschach	32	3
CAT – Animais	32	3
CAT – Humanas	29	5
Raven – Escala Geral	29	5
WISC	28	7
CAT – Animais – Suplemento	25	8
Bender	24	9
WISC III	21	10
Bateria Fatorial CEPA	17	11
Raven – Escala Avançada	17	11
Desenho da Figura Humana	13	13
Teste da Árvore	13	13
Zulliger	12	15

Tabela 3 – Instrumentos Psicológicos Mais Citados por Estudantes do 7º Semestre (Grupo III).

Instrumentos	Número de Citações	Posição do Instrumento
WISC	37	1
CAT – Animais	36	2
PMK	36	2
Bender	33	4
TAT	32	5
Wartegg	32	5
Colúmbia	32	5
Bateria Fatorial CEPA	31	8
O Desenho da Figura Humana	30	9
Pfister (14M)	29	10
Teste da árvore	28	11
CAT – Humanas	27	12
QUATI	26	13
DAT	24	15
Raven – Escala Geral	24	15

WISC - Escala Wechsler de Inteligência para Crianças, Inventário de Interesses de Angelini e Thurstone, Raven Infantil – Matrizes Progressivas Coloridas, Desenho da Figura Humana, Rorschach, Escala de Maturidade Mental Colúmbia, Raven – Escala Avançada e PMK. Esse grupo foi o que apresentou menor média de citações.

No geral, a média de citações entre os quatro grupos foi de 21,3% de testes psicológicos conhecidos, sendo que os Grupos I e III tiveram médias supe-

riores a este valor, conforme apresentado na Tabela 5. O grupo I teve os melhores resultados, enquanto os Grupos II e IV, tiveram médias inferiores a média geral. A nítida superioridade do Grupo I pode ser justificada pelo próprio momento dos alunos na formação, ou seja, eram os únicos que estavam no quinto ano. E o pequeno desempenho apresentado pelo Grupo IV pode justificar-se pelo fato de reunir alunos de 5º semestre, e que portanto, tiveram menos contato com disciplinas relativas à avaliação psicológica.

Tabela 4 – Instrumentos Psicológicos Mais Citados por Estudantes 5º Semestre (Grupo IV).

Instrumentos	Número de Citações	Posição do Instrumento
BPR – 5	22	01
16 PF	22	01
Bender	20	03
WISC	19	04
Inventário de Interesses de Angelini e Thurstone	19	04
Raven Infantil	19	04
Raven – Escala Geral	15	07
O Desenho do Figura Humana	14	08
Rorschach	12	09
Colúmbia	11	10
Raven – Escala Avançada	07	11
PMK	07	11
TMP	06	13
Teste Raven de Operações Lógicas	03	14
WAIS	03	14
WISC III	03	14
Teste da Árvore	03	14

Tabela 5 – Instrumentos Psicológicos Mais Citados por Estudantes de Psicologia do Sul de Minas.

Instrumento	Número de Citações	Posição do Instrumento
WISC	112	01
PMK	105	02
Bender	104	03
Raven – Escala Geral	95	04
CAT – Animais	93	05
CAT – Humanas	83	06
Bateria Fatorial CEPA	77	07
Rorschach	73	08
O Desenho da Figura Humana	70	09
Colúmbia	68	10
Wartegg	65	11
DAT	53	12
Inventário de Interesses Angelini e Thurstone	45	13
Teste da Árvore	44	14
TAT	32	15

Considerações Finais

O objetivo do presente estudo foi verificar os instrumentos psicológicos mais conhecidos por estudantes de Psicologia de uma região geográfica do país. Os resultados confirmaram que embora a formação do psicólogo vise propiciar uma diversificação de conhecimentos e procedimentos em rela-

ção às técnicas psicológicas (Pfromm Netto, 1991), ainda é presente um certo despreparo dos alunos em relação à aquisição de conhecimento, mais especialmente relacionado à Avaliação Psicológica, objeto de estudo do presente trabalho.

Analisando-se os resultados, percebe-se que a média de conhecimento da relação de testes apresentada aos grupos que fizeram parte do presente

estudo foi de 21,3%, ou seja, eles conheciam aproximadamente 21 dos 167 instrumentos comercializados no país. Embora a instrução não exigisse que o aluno revelasse dados que confirmassem um conhecimento mais profundo dos instrumentos, não era esperado que ele tivesse um domínio de toda a relação, considerando que esta é uma exigência para especialistas na área. Comparando-se esses resultados com o estudo desenvolvido por Noronha, Beraldo e Oliveira (no prelo) com universitários do estado de São Paulo, as médias obtidas nos dois estudos são equivalentes.

Em contrapartida, problemas na formação do psicólogo, especialmente na área de avaliação, não são recentes. Kroeff (1988) há quase quinze anos já afirmava que os testes deveriam ser ensinados de forma integrada com outros conteúdos de Psicologia, como por exemplo, as escalas de desenvolvimento deveriam ser ensinadas em Psicologia do Desenvolvimento. Outras sugestões neste sentido também foram lançadas, como a apontada por Jacquemin (1995), que deveria ser criada uma programação mínima básica para a formação.

A solução para o problema de como ensinar, o que ensinar e quando ensinar, ainda não foi encontrada definitivamente, mas sabe-se que mais do que a quantidade e tipo de teste, o que deve estar presente no currículo escolar é a interdisciplinaridade, ou seja o aprender de forma integrada, e a idéia de que mais importante que ensinar a aplicação de um teste, deve ser a reflexão sobre a construção e a análise crítica dele. Com isso, o aluno tende a ganhar autonomia para escolher o instrumento que considera mais adequado e eficiente para as diferentes situações profissionais que enfrentará. Desta forma, acredita-se que o aluno não construirá uma visão fragmentada da Psicologia e saberá utilizar os instrumentos com mais propriedade.

Analisando-se os resultados apresentados em cada um dos grupos, percebeu-se que não há uma grande variabilidade no que diz respeito aos tipos de testes mais conhecidos. Esse dado merece atenção. Alves (2001) procurou avaliar vários aspectos relacionados ao ensino das técnicas de exame psicológico. O estudo revelou que os professores ensinam mais instrumentos do que é considerado como

básico ou mínimo pelos próprios docentes e que há pouca diferença entre a lista de instrumentos psicológicos efetivamente ensinados e a lista daqueles que foram considerados como mais indicados para o ensino. Sob esta perspectiva, erroneamente poderia se dizer que o ensino em avaliação psicológica está satisfatório, uma vez que o que tem sido considerado básico, tem sido ensinado. Critérios para a escolha dos melhores instrumentos a serem ensinados devem existir. Atualmente, a definição tem sido subjetiva e tem estado a mercê de dados não científicos. A escolha poderia, por exemplo, se basear nos instrumentos que atenderem mais requisitos no que se refere ao processo de construção deles (Oakland, 1999; Adánez, 1999).

A análise dos instrumentos mais citados revela que 60% dos instrumentos mais conhecidos pelos estudantes não apresentam padronização brasileira (WISC, PMK, Raven – Escala Geral, CAT – Animais, CAT – Humanas, Rorschach, Inventário de Interesses Angelini e Thurstone, Teste da Árvore e TAT), o que confirma a colocação anterior. E outra observação pertinente, refere-se a determinadas incoerências encontradas na análise dos dados. A relação de instrumentos oferecida aos sujeitos possui testes com títulos parecidos, como por exemplo Raven – Escala Geral, Raven Escala Especial, Raven - Escala Avançada, entre outros, o que pode fazer com que os alunos se confundam e assinalem testes que não façam parte de seu conhecimento. Estes fatores podem estar relacionados à falta de atenção dos alunos, ou até mesmo à sua incipiente formação acadêmica. Esta informação é pertinente levando em consideração o fato de que duas das autoras ministram ou já ministraram aula para alguns dos grupos estudados, e foi observado que alguns testes que foram estudados e aplicados em sala de aula não foram assinalados por todos os alunos, o que demonstra inexistência na hora de responder ao instrumento. Sugere-se que novos estudos sejam desenvolvidos a fim de que a formação em Avaliação Psicológica possa ser melhor estruturada e para que sejam revelados os instrumentos que apresentam mais estudos científicos e que, portanto, devem ser os eleitos para o ensino nas disciplinas de avaliação.

Referências

- Adánez, G. P. (1999). Procedimientos de Construcción y Analisis de Tests Psicometricos. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.). *Avaliação Psicológica: perspectiva internacional*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 57-100.
- Alves, I. C. B. (2001). O Ensino das Técnicas do Exame *Avaliação Psicológica*, 2002,2, pp. 151-158

- Psicológico de Acordo com os Professores. *Anais do IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras técnicas de avaliação Psicológica*. Universidade São Francisco, Itatiba – SP, p. 62.
- Anastasi, A. (1977). *Testes Psicológicos*. São Paulo: E.P.U.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bastos, A. V. B. (2001). A Formação em Psicologia em Tempos de Mudança: para onde queremos caminhar? XXXI Reunião Anual de Psicologia, Sociedade Brasileira na Pesquisa e no Ensino. *Resumos*, p. 20.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2001). Resolução nº 25/2001. Disponível em www.pol.org.br Consulta realizada em 10/03/2002.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2000). *I Fórum Nacional de Avaliação Psicológica – propostas encaminhadas para os conselhos Federal e Regionais de Psicologia*. Brasília.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (1997). Câmara de Testes é Formada para Qualificar Instrumentos. *Jornal do CFP*, ano XII, nº 50.
- Gonçalves, M. G. M. & Bock, A. M. B. (1996). Desenhando a Psicologia: uma reflexão sobre a formação do psicólogo. *Psicologia Revista*, 2, 141-150.
- ITC (2001). Comisión Internacional de Tests. Diretrices Internacionales para el uso de los tests. Colegio Oficial Psicólogos. Disponível em www.cop.es/tests Acessado em 05/05/01.
- Jacquemin, A. (1995). Ensino e Pesquisa sobre Testes Psicológicos. *Boletim de Psicologia*, 102, 19-21.
- Kroeff, P. (1988). Síntese de posicionamentos a serem feitos quanto ao uso dos testes psicológicos em avaliação psicológica. *Anais da 18ª Reunião Anual de Psicologia*. Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, p. 535-537.
- Maluf, M. R. (2001). Antigos e Novos Problemas na Formação do Psicólogo Brasileiro. XXXI Reunião Anual de Psicologia, Sociedade Brasileira na Pesquisa e no Ensino. *Resumos*, p. 21.
- Noronha, A. P. P. (1999). *Avaliação Psicológica Segundo Psicólogos: Usos e problemas com ênfase nos testes*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Noronha, A. P. P.; Beraldo, N. M. & Oliveira, K. L. (no prelo) Instrumentos psicológicos mais conhecidos e utilizados por estudantes e profissionais de Psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*
- Noronha, A. P. P., Sbardelini, E. T. B. & Sartori, F. A. (2001). Análise da qualidade de testes de inteligência publicados no Brasil. *Psico-USF*, 6, 95-104.
- Noronha, A. P. P., Sartori, F. A., Freitas, F. A. & Ottati, F. (2001). Informações contidas nos manuais de testes de inteligência publicados no Brasil. *Psicologia em Estudo*, 6, 101-106.
- Oakland, T. (1999). Developing standardized tests. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.). *Avaliação psicológica: Perspectiva internacional*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 101-118.
- Pereira, S. L. M. (1972). *As Atividades Profissionais do Psicólogo em São Paulo*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Pfromm Netto, S. (1991). *Psicologia e Guia de Estudo*. São Paulo: E.P.U.
- Prieto, G. & Muñoz, J. (2000). Um modelo para avaliar la calidad de tests usados na Espanha. Disponível em <http://www.cop.es/tests/modelo.htm> (Acessado em: 04/12/00)
- Sbardelini, E. T. B. (1991). Os Mitos que Envolvem os Testes Psicológicos. *Documenta CRP-08*, ano I, nº 1, p. 53-58.
- Sisto, F. F., Codenotti, N.; Costa, C. A. J. & Nascimento, T. C. N. (1979). Testes Psicológicos no Brasil: que medem realmente. *Educação e Sociedade*, nº 2, São Paulo: Cortez, p. 152-165.
- Van Kolch, O. L. (1981). *Técnicas do exame psicológico e suas implicações no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

Recebido: 27/06/2002

Aceito: 12/09/2002